



## **Silêncio e memória: Uma análise de discurso da edição Extra da *Veja* sobre Ayrton Senna nos 20 anos de sua morte**<sup>1</sup>

Andressa Bandeira Santana<sup>2</sup>  
Hélio Afonso Etges<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este artigo parte da monografia realizada pela acadêmica Andressa Bandeira Santana e orientada pelo professor Hélio Afonso Etges, intitulada “Análise do Discurso da edição Extra da *Veja* em torno do piloto Ayrton Senna da Silva”. No presente trabalho trataremos conceitos sobre jornalismo impresso, jornalismo de revista, memória e a Análise de Discurso, baseado nos silêncios encontrados, no objeto de pesquisa, a edição Extra da revista *Veja*, publicada no dia 3 de maio de 1994. A Análise de Discurso foi feita no segundo semestre de 2014.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo impresso; revista; Ayrton Senna; memória.

### **Introdução**

Como trabalho de conclusão de Curso, a monografia, este artigo surgiu de uma questão recorrente para a autora do texto. Como memória e jornalismo podem se interligar para nos fazer lembrar fatos históricos. Como objeto de pesquisa foi então escolhida a edição especial da revista *Veja*, saída no dia 3 de maio de 1994 e que trata do acidente e da vida de Ayrton Senna, campeão brasileiro de Fórmula 1.

Para o embasamento teórico autores que tratam de jornalismo impresso, jornalismo de revista, esportivo e automobilismo, além da questão da memória e da História e suas contribuições para o jornalismo. Como metodologia para a análise dos quatro textos escolhidos na revista foi utilizada técnicas da Análise de Discurso. Este texto, portanto, é um compilado de uma das angulações deste trabalho, a parte do “silêncio” abordada pela ótica da Análise de Discurso e um breve referencial teórico que serviu para a realização da monografia.

### **Texto do jornalismo impresso e algumas de suas características**

Jornalismo é uma forma de conhecimento. Ele trabalha os fatos a partir da ideia do singular, do que eles têm de único e diferente. Por ter esse caráter informativo dos fatos enquanto ocorrem é que o jornalismo já foi descrito como a História escrita à

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Aluna de Comunicação Social, habilitação Jornalismo na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).

<sup>3</sup> Professor de Comunicação Social na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).



queima-roupa (MEDITSH, 1997, s.p). Entre as plataformas em que pode ser realizado o jornalismo está o impresso. Sua linguagem é caracterizada como coloquial e de fácil acesso para todas as classes sociais e tendo como objetivo central informar. Seus principais gêneros são a notícia, a entrevista, a crônica, o artigo, o editorial e a reportagem. Este último é mais comum nas revistas.

Para Vilas Boas (1996), a linguagem adotada pelo jornalismo é aquela que consegue alcançar o maior número de pessoas. O jornalismo impresso desenvolveu uma linguagem com estilo característico e uma forma de expressão. Por ser esta mistura entre a linguagem coloquial e a formal, ou seja, uma linguagem mais “comum”, porém respeitando as principais normas da ortografia, é que o jornalismo encontrou sua forma de fazer texto.

Na linguagem criada pelo jornalismo “não fere a sensibilidade estética dos mais cultos e, ao mesmo tempo, pode ser lido pelo conjunto da sociedade” (VILAS BOAS, 1996, p. 40). Desta forma, o jornalismo busca uma expressão que seja consenso, com características do comum e do personalizado. A notícia busca uma linguagem que possa ser assimilada por todos os níveis culturais existentes na sociedade (VILAS BOAS, 1996).

Enquanto na literatura já se considera a forma como portadora de “informação estética” (LAGE, 1993, p.35), no jornalismo a ênfase está nos conteúdos e no que é informado. A informação para o jornalismo é, acima de tudo, um compromisso. Um compromisso que o texto literário, por exemplo, não possui (VILAS BOAS, 1996). Além do seu compromisso com a verdade, o texto jornalístico tem seu próprio estilo.

Este estilo jornalístico de escrever, para Vilas Boas (1996), pode ser chamado de “formal-coloquial” por absorver a linguagem utilizada tanto no formal quanto no coloquial, com o objetivo de atingir e satisfazer todas as classes sociais. As características do discurso jornalístico exigem do profissional domínio da língua e da sua gramática, bem como de técnicas de redação (SOUSA, 2001). Dentre estes elementos que caracterizam o estilo próprio e especial do jornalismo estão clareza, concisão, objetividade e acessibilidade (AMARAL, 1997).

No jornalismo não são só as palavras escritas ou ditas que significam e transmitem mensagens. Ele também manifesta-se através de fotografias, infográficos e imagens coloridas e em movimento. O texto jornalístico é sempre humanizado e contextualizado. É feito para ser lido, ouvido e visto por pessoas e dentro de um contexto social (COTTA, 2005).



Ao pensar na relevância do jornalismo, Beltrão (1960) diz que o jornalismo escrito se impôs como principal meio de divulgação dos fatos e de ideias. A matéria-prima dele é o papel, nele são impressos jornais, revistas, boletins, magazines e avulsos. Amaral (1997) amplia a discussão de Beltrão e diz que a matéria-prima do jornal é a notícia. Ela é a base de tudo que é publicado, indiferente de ser algo positivo ou negativo. Para Alsina (2009), os jornalistas conhecem todos os fatos que acontecem, justamente porque, de certa forma, eles “estabelecem ‘tudo’ o que ocorre”. (ALSINA, 2009, p.290). Ou seja, determinam através de seus julgamentos o que será divulgado ou não, conhecem o todo, porque decidem o que se tornará esse todo de informações.

Neste todo de possibilidades de informações estão as possibilidades de pautas que podem ser tratadas em jornais e revistas. Em cada um destes veículos de forma diferente e com suas peculiaridades. Para a revista, os jornalistas costumam dispor de mais tempo para serem concluir estas pautas.

### **Revistas e jornalismo**

Nas páginas de uma revista encontram-se reportagens e informações, fotografias, ilustrações e infográficos, dentre outros elementos jornalísticos. Essa produção tem mais tempo para ser realizada do que o disponível para o jornalismo impresso diário. Ao produzir textos para revista, o jornalista costuma ter mais tempo para apuração das informações e elaboração do texto. O motivo é sua periodicidade que costuma variar entre semanal, quinzenal e mensal. Por conta disso, a rotina do profissional de revista é diferente da rotina do profissional de impresso diário (SCALZO, 2003). Como já dizia Vilas Boas (1996)

Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário. A reportagem interpretativa é o forte. (VILAS BOAS, 1996, p. 9).

Conforme Vilas Boas (1996), a tonalidade do texto é um ponto que diferencia o jornalismo de revista do jornalismo diário. Na revista, o tom faz parte de uma escolha prévia de linguagem. Este pode ser trágico, humorístico, dramático, tenso e assim em diante. Já dentro de um texto jornalístico do dia-a-dia, de um jornal impresso, costuma-se ter um texto que passa pelo tom da objetividade e isenção (VILAS BOAS, 1996). Outras características na revista, segundo Patrícia Ceolin Nascimento (2002), são a maior liberdade da diagramação, a utilização de cores, em comparação com o jornal, e



melhor qualidade do papel e da impressão. Dentro deste produto jornalístico encontra-se a fotografia, o *design* e, claro, o texto (VILAS BOAS, 1996).

Segundo Vogel (2013), as revistas têm sua temporalidade expandida já pelo fato de sua periodicidade ser alongada. “São semanais, quinzenais, mensais; organizam, a cada edição (ou na série de coleções), um tempo mais dilatado que o do jornal e, com isso, desmontam e remontam os noticiários, as atualidades, as vivências.” (VOGEL, 2013, p. 17). Neste mesmo sentido da temporalidade alongada das magazines, Benetti (2013) afirma que as revistas são duráveis e colecionáveis. Antes disso, Vilas Boas (1996) considerava que apesar de as revistas permanecerem mais tempo nas bancas que os jornais diários, são produtos mais duráveis que as publicações impressas diárias. Para Scalzo (2003), a durabilidade maior das revistas tem ligação com a qualidade do papel em que é impressa e com seu conteúdo também. Toda esta questão de periodicidade maior, durabilidade e possível colecionamento, traz na revista um elemento interessante para se pensar na questão da memória.

### **Memória e jornalismo**

Saber do passado é importante para conhecer o presente e planejar o futuro. O que ajuda a guardar fatos que aconteceram em tempos passados é a memória. Para Halbwachs (2004), as lembranças permanecem para sempre coletivas e também são nossas pelos indivíduos. É pensando nesta memória que pode ser construída, como a memória social, é que estudamos a relação entre memória e jornalismo. Neste estudo memória é entendida como algo que pode ser guardado e revisitado através dos meios de comunicação, em especial, os impressos. Para entender melhor a relação entre jornalismo e memória, trazemos alguns conceitos de memória.

Cada memória individual funciona como um ponto de vista em relação à memória coletiva. Este ponto de vista particular muda conforme o lugar que o membro do grupo ocupa e este lugar mudará conforme as relações que ele mantiver com outros meios (HALBWACHS, 2004). Dentro do primeiro plano da memória de um grupo estão em evidência lembranças de momentos e também de experiências que dizem respeito à maioria dos membros deste grupo. Assim funciona quer essas lembranças resultem de sua própria vida ou de suas relações com grupos mais próximos e em frequente contato (HALBWACHS, 2004).

Ligados à memória estão também os conceitos de História. Além de uma “história ciência” existe uma “história vivida” (MOTTER, 2001, p.40). Esta última a



responsável por constituir a memória coletiva e sujeita a mitificações, deformações e anacronismos. É envolvendo as memórias individuais que se tem a memória coletiva. Ela não se confunde com as individuais e evolui conforme suas próprias regras. Se por algum motivo uma lembrança individual invade seu domínio, esta muda de forma a ser, a partir daquele momento, integrante de um conjunto que não é mais uma consciência pessoal, mas coletiva (MOTTER, 2001).

É preciso salientar que a memória se apoia na “história vivida” e não na “história aprendida” (HALBWACHS, 2004, p. 64). Por história, Halbwachs (2004) entende não como uma sucessão cronológica de fatos e datas, mas como elementos que fazem com que um período se distinga do outro. Conforme o autor, neste sentido, livros e narrativas trariam apenas visões esquemáticas e incompletas.

Memórias podem ser fatos singulares. As lembranças de um indivíduo não pertencem a outro. A memória pode ser um modelo de “possessão privada” (RICCEUR, 2007, p. 107) para as vivências da pessoa. Da memória também parece existir o elo original da consciência do humano com o passado. Assim, memória é passado. E esse passado é feito das impressões de cada um, singularmente. “É por esse traço que a memória garante a continuidade temporal da pessoa.” (RICCEUR, 2007, p. 107).

Memória é passado e uma forma de revisitá-lo é a imprensa, em especial, a impressa. Ainda mais a revista, que, como dito antes, é um material durável e, por isso, colecionável e possível de consulta futura. As páginas de um veículo impresso proporcionam visita rápida e física a momentos doutrora e que marcaram de alguma forma uma vida, uma sociedade ou até mesmo um país.

Todo dia, os jornalistas precisam decidir como narrar o acontecimento que foram cobrir (BERGER, 2005). Para Medina (2003, p. 47), narrar os fatos acrescentou sutilezas à “arte de tecer o presente”, atribuída ao jornalismo. Neste mesmo aspecto, argumenta Berger (2005)

Na condição do sujeito que olha o acontecido com a função de descrevê-lo (este é seu ofício) para alguém que no dia seguinte, dirá: eu não vi, mas li no jornal e, por isso, sei o que e como aconteceu, o jornalista está fazendo história. Está “cobrindo” o acontecimento com palavras, dando-lhe a forma do gênero jornalístico e produzindo a história do presente, a história de curta duração, que (...) deve ser complementada pelo trabalho do historiador. Ingressando no espírito do tempo em que o passado é revisitado, a imprensa não fica alheia e conta como presente, na condição de produtora da história de curta duração, também o que já passou, também o que é passado. (BERGER, 2005, p.65).



Desta maneira, a memória está interligada ao jornalismo por sua capacidade de contar e registrar o passado e o presente. Como escreve Deolindo (s.d.), o registro da vida cotidiana é tarefa propriamente do jornalismo. Muitas vezes esse registro produzido jornalisticamente é a forma mais completa, se não a única, de documentação do fato. Dessa maneira, as notícias tornam-se uma espécie de fio que liga a memória local. Como ressalta Barbosa (2005, p.106), deve-se refazer o trajeto da memória em direção à história e “buscar na memória as raízes da demanda histórica”. Através da memória e da memória trazida pelo jornalismo pode-se conhecer e reconhecer a história de um grupo social.

Neste contexto, é possível, através de publicações impressas, de pequena ou grande circulação, “ouvir os ecos das vozes não só das elites do passado” (CAMPOS, s.d p.1), mas de toda uma sociedade porque “o jornal reflete o diálogo de vozes que permeia a sociedade” (CAMPOS, s.d, p.1)

Atualmente a sociedade vive uma época em que nunca esteve tão ocupada na produção de memória. O estoque de memória social é, agora, mais fácil de acessar e o jornalismo, como prática social, nunca ocupou um espaço tão central nesse sentido. O trabalho relacionado com memória é recorrente na construção do presente, algo sempre produzido dentro da atividade jornalística (PALACIOS, 2010).

Porque, ao ver uma notícia, lê-la ou escutá-la, dificilmente se considera esta informação falsa.

Relato jornalístico é revestido da característica de crível antes de qualquer outra presunção. Quando se descobre que um relato foi inventado, a notícia assume a proporção de um verdadeiro escândalo. Não existe possibilidade de invenção da realidade no mundo do jornalismo, em função de ser atribuída aos produtores desse discurso à outorga de poder realizar, somente, um discurso dito como verdadeiro. (BARBOSA, 2005, p.109).

Além de não servir apenas para enrolar peixe, o jornal impresso é referência mínima para poder compreender melhor o passado, viver o presente e planejar o futuro. (SCARDUELLI, 1995). “O jornal é um documento fundamental para contar a história em detalhes”. (SCARDUELLI, 1995, p.15). No momento que se faz remissão a discursos como a História, considerados científicos, é como se o jornalismo pudesse trazer para si um pouco do estatuto que está ligado ao valor da verdade (CASADEI, 2012).

Neste artigo utilizamos como exemplo do jornalismo como um construtor de memória, a edição Extra da revista *Veja*, publicada no dia 3 de maio de 1994 e que trata da vida e do acidente que vitimou Ayrton Senna da Silva, piloto campeão de Fórmula 1. Além de



completar 20 anos na época deste estudo, 2014, o fato despertou e ainda desperta muita emoção, sentimento que tem muito em comum com a cobertura jornalística. Jornalismo esportivo tem suas especificidades e, muitas vezes, é confundido com puro entretenimento. Porém, vale lembrar que a emoção é a alma do esporte. Por esta razão, em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos um do outro (BARBEIRO; RANGEL, 2006). “O esporte em si já tem certo grau de emoção. E sabemos que não é fácil, no jornalismo esportivo, dosar coração com razão” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 45).

É na época de Ayrton Senna nas pistas da Fórmula 1 que se presencia um número expressivo de jornalistas cobrindo este esporte. Porém, não é neste período que a cobertura jornalística de Fórmula se inicia. Nos anos de vitória de Emerson Fittipaldi, o automobilismo já tinha repercussão na mídia e as conquistas do piloto deram incentivo às coberturas. (ERBOLATO, 1981).

### **Memória e silêncio na edição extra da revista *Veja***

Ao utilizarmos o aspecto do silêncio visto pela ótica da Análise do Discurso (AD), podemos perceber vários elementos a serem analisados na edição extra da *Veja*, a revista foi publicada no dia 3 de maio de 1994, seu número é 1338 A, ano 27.

Para Orlandi (2003), a Análise de Discurso leva em conta o homem na sua história, considera as condições e também os processos da produção da linguagem, através da análise da relação existente entre a língua e os indivíduos que a falam e as situações em que são produzidos os dizeres. Pensando por este ângulo, para que se possam encontrar as regularidades da linguagem na sua produção, o analista de discurso irá relacionar a linguagem com sua exterioridade. A AD torna o discurso seu objeto próprio (ORLANDI, 2003). Levando em conta que a Análise de Discurso é leitura, a escrita da AD é uma produção de interpretação (MAZIÉRE, 2007, p.117).

Ao analisar o discurso de um texto é preciso visualizar sua estrutura e compreender que ela é externa a ele. O texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é, além de exterior, anterior. O texto é a parte que é visível ou material de um processo complexo que se inicia em outro lugar. Este lugar pode ser a sociedade, a cultura, a ideologia, o imaginário (BENETTI, 2007).

Por estas especificidades, o texto, dentro da Análise de Discurso, não pode ser pensado como uma unidade fechada. Ele tem relação com outros textos, com suas formas de produção (sujeitos e situações) e com o que Orlandi (2012, p.87) chama de



“exterioridade constitutiva”. Ou seja, o “interdiscurso, a memória do dizer” (p. 87). O que se deve considerar do texto vem antes de sua produção, vem de outro lugar, ou melhor, de um contexto social.

Dentre as possibilidades de análise que podem ser pensadas na Análise de Discurso, a presente pesquisa selecionou o silêncio. Dentro da AD, o silenciamento possui, pelo menos, duas formas. A primeira delas é o Silêncio Fundador, o que é necessário para os sentidos, pois sem silêncio não é possível haver sentido. Este Silêncio é encontrado nas palavras que significa, o não dito e ele dá espaço para a produção do significar. É através dele que é possível o sentido fazer sentido (ORLANDI, 2012).

É preciso salientar, porém, que há uma grande diferença entre fazer sentido com palavras e com silêncio. É justamente esta possibilidade de movimento das palavras no texto, entre a presença e a ausência, que é a responsável por produzir uma relação entre tempo e linguagem, um ritmo entre silêncio e dizer, algo presente em todo processo de significação. Por conta disso, há uma temporalidade da significação que gera uma relação entre dizer e não-dizer (ORLANDI, 2012).

A Política do Silêncio é a segunda forma de silêncio apresentada por Orlandi (2012). Dentro da Política do Silêncio está o Silêncio Constitutivo que afirma que para se dizer alguma coisa é preciso não dizer. Também presente na Política do Silêncio está o Silêncio Local ou a Censura. Aqui se encontra o que é proibido dizer em determinada situação, é também o apagamento de sentidos que são possíveis, mas proibidos (ORLANDI, 2012). Para a autora, essas formas de silêncio acompanham qualquer tipo de discurso e produção de sentido. Porém, as duas categorias funcionam de formas diferentes.

Para haver sentido em um texto é necessário relação com o silêncio. Dessa forma, o silêncio não é entendido como a falta de palavras, pois há palavras cheias de sentido que não são ditas, logo cheias de silêncio. Apesar de não falar, o silêncio significa. Se tentarmos traduzir o silêncio em palavras haverá uma transferência de sentidos, o que produzirá outro efeito no texto. “Isto se deve ao fato de que mesmo se o silêncio não fala, enquanto forma significativa, ele tem sua materialidade, sua forma material específica.” (ORLANDI, 2012, p.129).

Partindo destes teóricos e seguindo a ideia de silêncio da Análise de Discurso (AD), analisamos quatro textos da edição Extra de *Veja* sobre Ayrton Senna, que circulou em 3 de maio de 1994, após o trágico acidente que vitimou o piloto brasileiro. O primeiro





texto estudado é “A morte antes da curva”, chamado aqui de **T1**. Logo após, analisamos “100 anos em 34”, o **T2**. O terceiro texto selecionado para a análise é “Raça e técnica de campeão”, o **T3**. O último texto abordado - “Olê, olá, Senna!” - é **T4**.

A ideia de Ayrton Senna ser um gênio é constante nos quatro textos selecionados. Isso não impede de haver silêncios. Pode-se perceber um deles no trecho que segue, encontrado no **T2**:

Durante dez anos, sua vida foi praticamente apenas trabalho. Mas ultimamente alguma coisa estava mudando. Ele queria ter mais tempo para descansar e se divertir.

Silenciado acima está o fato que teria feito Ayrton Senna decidir que precisava de mais tempo para descansar e se divertir. Se o piloto era um profissional tão dedicado, como aponta a revista em seu discurso, só um fato muito relevante o faria desviar o foco. Porém, *essa* informação é silenciada do texto. Ainda no mesmo texto, outra característica de Senna aparece e tem seu significado silenciado. Ele teria nascido em uma família “bem de vida”. Desse trecho deduz-se que Ayrton Senna nasceu em uma família com condições financeiras favoráveis, com dinheiro e bens materiais. Mas não há explicações de como seria e como viveria uma família “bem de vida”. Ainda há o fato de que se a família é “bem de vida” porque o primeiro *kart* de Ayrton Senna seria de pedal e de um modelo tão simples. Novamente, a explicação para este fato é silenciada. Apesar dessas informações sobre a família e infância de Senna, silenciadas no texto estão suas relações, de forma mais detalhada, com sua família. Não se sabe exatamente o quanto eram próximos os integrantes da família Senna antes da Fórmula 1.

Continuando a analisar os silêncios do **T2**, presente no **T2** também está a aparente falta de motivação escolar de Senna encontrada no trecho a seguir. “Fez um primeiro grau sem destaques e, à medida que melhorava nas pistas, piorava no colégio.” Mas é silenciado o quanto Senna “piorava” no colégio e em que sentido. Não há informações de como era a dedicação do jovem piloto ao colégio antes de conhecer o *kart*. Assim, é silenciado o quanto teria decaído a dedicação de Ayrton Senna aos estudos.

Nos textos analisados, a relação de Ayrton Senna e Alan Prost é muito abordada. Prost ainda é chamado de “desafeto” e “arqui-rival de Senna” nos **T2** e **T3**, respectivamente. O discurso de inimizade entre os dois é, então, reforçado. Este reforço da “inimizade” de Senna com Prost pode ser entendido pelo prisma de que, para um atleta ter sucesso nas competições que participa, ele depende do fracasso do seu



adversário. Essa ideia pode ser mais profunda na Fórmula 1, já que além de representar seu país, o atleta é membro de uma escuderia, ou seja, a responsabilidade é dobrada (HELAL; CATALDO, s.d).

Se os dois são “desafetos” e “arqui-rivais”, isso quer dizer que não se dão bem, que disputam. Ao pensar no trecho **T1**, as desavenças e os “desafetos” dos dois iam para além das pistas de corrida, ou seja, para a vida pessoal. Assim sendo, entende-se que Prost e Senna não se dariam bem nem profissionalmente nem como seres humanos. Porém, para haver brigas é preciso mostrar os dois personagens dessa disputa, mas a revista silencia o lado de desavenças de Senna, fato que não aparece nos textos. Isto é, a revista não mostra o que e quanto o piloto brasileiro poderia ter feito e desagradado seu “rival”, Alan Prost.

Ainda falando de desavenças, presente no **T2** está um quadro intitulado “A coleção de inimigos de Senna”. Assim, pode-se ter uma ideia da importância que a revista dá a esta temática. Afinal, como argumentam Helal e Cataldo (s.d), o conflito entre rivais faz parte do esporte. A ideia de “coleção” proposta aqui remete a uma quantidade grande, muitos de alguma coisa. Então, Senna teria muitos inimigos, uma “coleção” deles. Como dito antes, colecionar exige esforço. Então, ter uma “coleção” de inimigos requer “esforço” e “habilidade”, além de tempo, atributos que Senna teria. Logo após, na linha de apoio do quadro encontramos o trecho “Ele brigou dentro e fora das pistas”. Aqui se entende que o comportamento de Senna era para brigas não só durante as corridas, mas em suas relações pessoais também. Nota-se assim que a revista sugere que a coleção de inimigos de Senna ultrapassa as relações profissionais e invade as pessoais. Porém, todos estes pilotos são silenciados e suas vozes não são ouvidas para esclarecer os motivos que os levaram a ter desavenças com Senna.

Agora um trecho em que podemos perceber o silêncio no **T1**: “Notícia da morte de Senna deixou os pilotos desolados”. Informação silenciada é quem são os pilotos que ficaram “desolados” com a notícia da morte de Ayrton Senna. Alguns deles são citados, para localizar o leitor, mas sabe-se que não são só eles, que há outros silenciados e que todos são pilotos de Fórmula 1 e não de caminhão, por exemplo. É fácil saber que são os profissionais de Fórmula 1, pois o contexto de toda a edição e das reportagens nos dá este suporte. A informação está silenciada porque é subentendida, e facilmente subentendida, não se quis dizer nada além com ela. A intenção é deixar para o leitor compreender uma informação que é fácil de assimilar, estando escrita ou não. Até porque a interpretação, como diz Orlandi (2012), é feita para ajudar na reflexão.



Tratando sobre a insegurança das corridas da Fórmula 1 e, mais especificamente, do acidente sofrido por Senna, *Veja* traz este trecho, retirado do **T1**:

Como foi possível um acidente como esse? O que existe por enquanto são especulações. De todas elas, a mais provável aponta para uma combinação de dois fatores: a pista ruim com um defeito mecânico. Schumacher diz que o carro pulou duas vezes antes de sair da pista. O ex-campeão Niki Lauda afirma que o problema foi mecânico, provavelmente uma quebra na suspensão, mesma opinião do brasileiro Nelson Piquet. Uma outra explicação está nos pneus. Como a corrida estava começando depois de uma parada provocada por um acidente na largada, os pneus ainda não teriam atingido a temperatura e a pressão adequadas para manter o carro na pista. Senna pisou fundo e foi jogado para fora.

Apesar de a revista trazer o questionamento sobre como um acidente como o de Ayrton Senna poderia ter acontecido, *Veja* não aponta um culpado ou causa específica. Joga motivos para lá e para cá, mas não acusa ninguém. A revista parece apontar culpados e tentar encontrar soluções, mas só faz isso superficialmente, silenciando informações realmente exatas e claras. Um dos motivos para isso pode ser o pouco tempo que a publicação dispunha para a apuração. O acidente aconteceu no dia 1º de maio e a revista já circulava no dia 3 do mesmo mês. Um tempo curto de produção, especialmente para uma revista, o que pode ser o motivo da falta de precisão de *Veja* neste tema. Entretanto, isso não pode ser levado como justificativa para a revista trabalhar apenas no terreno das especulações.

No trecho acima ainda podemos perceber outro silêncio, em relação ao que seria uma “pista ruim” para a Fórmula 1. O silenciamento de *Veja* sobre detalhes e conceitos desta categoria aparece mais de uma vez nos textos selecionados. Este fato pode ser analisado pelo prisma da falta de especialização dos repórteres responsáveis pela edição, já que as publicações extras da *Veja*, até então, eram todas focadas na política e não nos esportes, muito menos na Fórmula 1.

Mesmo abordando os relacionamentos amorosos de Senna, as mulheres do piloto pouco falam nas páginas da revista. Em relação aos seus namoros, o ponto de vista de Senna sobre a situação é privilegiado e o das mulheres silenciado, como se lê no trecho do **T2** a seguir

De seu fugaz casamento com Lílian, hoje casada pela segunda vez, ele repetia duas lacônicas afirmações: “O casamento foi um erro” e “Ela cozinhava muito bem”.

Este silêncio pode ser interpretado como uma forma de a revista trazer apenas o lado que não afetaria a boa imagem que *Veja* pretendia passar e fixar em relação à Senna. Alguém legal e sem defeitos não poderia ser a causa do fim dos relacionamentos.



Mas, se não há como provar que não foi ele que causou o término dos namoros, o melhor é silenciar. É impossível, portanto, pela falta de informações saber se Ayrton Senna apresentou algum comportamento indevido que pudesse comprometer seus relacionamentos amorosos.

Passamos agora para outro ponto e temática silenciado por um dos textos analisados. Ele se encontra em um trecho do **T3**

Não se sabia até ontem a falha que causou o desastre e a morte de Senna. Milhões de pessoas em todo o mundo apostam: foi a máquina de pneus, freios, suspensão e motor que falhou.

No trecho acima encontramos o final do **T3** que, por último, deixa a ideia de que Senna nunca falha e que todos acreditam nisso. Não foi culpa de “Senna máquina”, mas da “máquina de pneus, freios, suspensão e motor” que deixou de funcionar corretamente. Porém, o motivo que fez a “máquina” não funcionar é silenciado neste trecho. Mais que silenciar o que teria acontecido com “máquina de pneus, freios, suspensão e motor”, *Veja* se isenta de concordar completamente com isso. Diz apenas que “milhões de pessoas em todo o mundo apostam” que foi o carro que falhou, mas a real posição da revista é silenciada.

Já ao analisarmos o **T4**, temos outro tipo de temática para tratar, percebemos questões referentes à memória e as mídias que divulgaram a morte do piloto de Fórmula 1 e que o eternizaram. Os silêncios podem ser vistos ao se pensar na família de Senna, que não é consultada em nenhum dos textos estudados.

A partir do *corpus* definido e da característica da AD utilizada, verifica-se Senna é construído como mito dentro do discurso dos quatro textos selecionados da edição Extra de *Veja*, de 3 de maio de 1994. Através de silêncios, a revista vai moldando e eternizando Ayrton Senna como ídolo, herói e mito, algo que foi e é feito sempre, desde que o piloto conquistou o coração de milhares de brasileiros.

Ao percebermos que é possível pensarmos e analisarmos um discurso construído há 21 anos sobre um ídolo nacional, nota-se como jornalismo e memória podem se interligar e trabalhar em conjunto para consolidarem e construírem a História. Através da análise dos quatro textos escolhidos da edição Extra da *Veja*, chegamos à conclusão de que sim, o jornalismo é capaz de contribuir para a construção da memória de fatos históricos. Ele não só os divulga para a atualidade, mas é através dele que se eterniza e se guarda um acontecimento para possível consulta e revista.



Portanto, apesar de silêncios e de ser necessário interpretações mais cuidadosas de alguns discursos, a mídia tem poder e é uma ferramenta importantíssima para a memória do que aconteceu. Os jornais e revistas, por exemplo, podem, então, se transformarem em documento histórico e fonte de consulta para saber o que fomos e assim, projetar o que seremos.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, Marialva. **Jornalismo impresso e a construção de uma memória para a sua história**. In: BRAGANÇA, A.; MOREIRA, S. V. (Org). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo. 2005. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/149199f5a2148540b6fdb2be5158b44c.pdf>> Acesso em: Acesso em 11. Out. 2014. p. 102-111.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1960.

BENETTI, Marcia. **Análise do Discurso em jornalismo**: estudo de vozes e sentido. In: LAGO, C; BENETTI, M. (Org). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis. Vozes, 2007, p. 107-122.

BERGER, Christa. **Proliferação da memória** – A questão do reavivamento do passado na imprensa. In: BRAGANÇA, A; MOREIRA, S. V. (Org). *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo. 2005. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/149199f5a2148540b6fdb2be5158b44c.pdf>> Acesso 11. Out. 2014. p. 60-69.

CAMPOS, Raquel Discini. **Jornalismo e Memória social**: um estudo da imprensa de São José do Rio Preto nos anos de 1920. Disponível em <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/231.pdf>> Acesso em 20.Abril.2014.

COTTA, Pery. **Jornalismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rubio, 2005.



- DEOLINDO, Jacqueline da Silva. **Jornalismo e memória local**: no registro do cotidiano, o resgate da história. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0397-1.pdf>> Acesso 31.Ago.2014.
- ERBOLATO, Mário L. *Jornalismo especializado*: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HELAL, Ronaldo; CATALDO, Graziella. **A Morte e o Mito**: As narrativas da imprensa na cobertura jornalística da morte de Ayrton Senna. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/151947793762695663816428404686452623585.pdf>> . Acesso em 20. Nov. 2014
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1993.
- MAZIÉRE, Francine. **A análise do discurso**: história e práticas. São Paulo: Parábola, 2007.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Santa Catarina. 1997. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>>. Acesso em 23. Jul. 2014.
- MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e história**: Imprensa e construção da realidade. São Paulo: Villipress, 2001.
- NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **Jornalismo em revistas no Brasil**: um estudo das construções discursivas em *Veja* e *Manchete*. São Paulo: Annablume, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes Editora, 2012.
- PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória**: jornalismo, contexto e história. São Paulo. 2010. Disponível em <[www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38274/41083](http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38274/41083)> > Acesso em 31.Ago.2014.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SCARDUELLI, Paulo. **Ayrton Senna**: herói da mídia. São Paulo, Brasiliense, 1995.



SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>> Acesso 30 de julho de 2014

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

VEJA, São Paulo, ed. 1338 A, 3 de maio de 1994, ano 27.

VOGEL, Daisi. **Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias**. In: TAVARES, F. de M. B.; SCHWAAB, R. (Org). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 17- 26